

Evidências de Validade da Escala de Qualidade de Vida Coletiva Percebida, EQVCP, com Aposentados Migrantes na Região dos Lagos, RJ, Brasil*

Evidence of Validity of the Perceived Collective Quality of Life Scale, PCQLS, with Migrant Retirees in Região dos Lagos, RJ, Brazil

Evidencia de Validez de la Escala de Calidad de Vida Colectiva Percibida, EQVCP con Jubilados Migrantes en la Región de Lagos. RJ, Brasil

Silvana Corrêa Santos
Lucia Helena de F. P. França
Michelle Morelo Pereira

RESUMO: Este estudo objetivou adaptar e validar a Escala de Qualidade de Vida Coletiva Percebida, EQVCP, com 284 aposentados, que migraram para a Região dos Lagos (RJ) em busca de melhor estilo de vida. A EQVCP emergiu 19 itens distribuídos em dois fatores: Políticas Públicas e Relações Sociais e Desenvolvimento Econômico e Político. Os resultados indicaram que a segurança pessoal foi o indicador mais positivo, seguido pela qualidade do ambiente; e a corrupção foi o indicador mais negativo, seguido pela situação política.

Palavras-chave: Qualidade de vida coletiva; Aposentados; Migração.

ABSTRACT: *This study aimed to adapt and validate the Perceived Collective Quality of Life Scale, EQVCP, with 284 retirees, who migrated to the Lagos Region (RJ) in search of a better lifestyle. The EQVCP emerged 19 items distributed in two factors: Public Policies and Social Relations and Economic and Political Development. The results showed that personal safety was the most positive indicator, followed by the quality of environment; and corruption was the most negative indicator, followed by the political situation.*

Keywords: *Collective Quality of Life; Retirement; Migration.*

RESUMEN: *Este estudio tuvo como objetivo adaptar y validar la Escala de Calidad de Vida Colectiva Percibida, EQVCP, con 284 jubilados, quienes migraron a la Región de Lagos (RJ) en busca de un mejor estilo de vida. De la EQVCP surgieron 19 ítems distribuidos en dos factores: Políticas Públicas y Relaciones Sociales y Desarrollo Económico y Político. Los resultados mostraron que la seguridad personal fue el indicador más positivo, seguido por la calidad del medio ambiente; y la corrupción fue el indicador más negativo, seguido de la situación política.*

Palabras clave: *Calidad de vida colectiva; Jubilación; Migración.*

Introdução

O mundo está vivenciando um fenômeno extraordinário, o aumento da expectativa de vida, que segue em ritmo acelerado. Esta longevidade representa um avanço conquistado não apenas pelos países desenvolvidos, mas um fenômeno visível também nos países em desenvolvimento (Kalache, 2019). Em 2015, 12,3% da população mundial tinha 60 anos ou mais - 901 milhões de pessoas e, em 2050, este segmento de idosos alcançará 21,5% - dois bilhões. Em 2019, a população idosa já era mais numerosa do que a de crianças menores de cinco anos e, em 2050, ultrapassará aqueles que têm menos de 15 anos (Alves, 2019).

A expectativa média de vida nos países desenvolvidos alcança 83 anos, enquanto em alguns países em desenvolvimento como o Brasil, a expectativa de vida é pouco maior que 76 anos (IBGE, 2018). A transição demográfica brasileira tem características diferentes pelo fato de o envelhecimento populacional ser ainda mais rápido, sem que o país tenha se preparado adequadamente (França, Rosinha, Mafra, & Seidl, 2017).

Esta situação torna-se ainda mais crítica quando vivenciamos crises político-econômicas como o momento atual brasileiro. Por esse motivo, existem implicações relacionadas à qualidade de vida das pessoas idosas que, muitas vezes, não contam com uma renda adequada e a assistência de saúde e social necessárias nessa fase da vida. Assim, é necessário focar e agilizar as implementações para fazer frente às dificuldades já detectadas por parte das universidades, governo, organizações públicas, governamentais e privadas e da sociedade civil (França, *et al.*, 2017).

O período de aposentadoria que, geralmente, coincide com o processo de envelhecimento, é marcado por mudanças importantes, envolvendo transformações globais, que se dão no plano econômico, físico, social e psicológico. O bem-estar e a qualidade de vida são fatores que impulsionam a tomada de decisão na aposentadoria (Amorim, & França. 2019). As mudanças, por sua vez, estão vinculadas de perto à supervalorização do trabalho pela sociedade atual, e este fator influencia na forma como os idosos são vistos pelo entorno e como eles próprios se veem, principalmente quando se aposentam (Zanelli, 2015).

As pesquisas empíricas têm demonstrado que o trabalho pode ser associado a um valor caro à identidade pessoal, o que justifica o fato de algumas pessoas não desejarem se aposentar, preferindo continuar trabalhando na mesma ou em outra organização (Zanelli, 2015). Este e outros autores vêm ressaltando que outras pessoas farão planos, ansiando não estar mais comprometidas com obrigações laborais, de modo que possam descansar, engajar-se em lazer ou se voluntariar em obras de cunho social, como um ajuste a essa nova fase da vida (Boehs, & Silva, 2017; Zanelli, 2015).

Para aqueles que se aposentam, Earl, Gerrans e Halim (2015) argumentam que o tempo livre pode ser dedicado às relações familiares, mudanças nas rotinas diárias, visando a uma vida mais qualitativa. Nesse sentido, os estudos sobre a qualidade de vida de idosos e aposentados recebem destaque. O SEBRAE-RJ (2015) salientou que, diante do crescimento populacional de idosos, é necessário pontuar as condições de vida dessa população e seus impactos frente a sua qualidade de vida.

As discussões sobre o conceito de Qualidade de Vida foram incrementadas nas duas últimas décadas, como ressaltado por Alves (2011). Contudo, existem muitas polêmicas quanto a esse constructo, sendo, por vezes, utilizada a referência da Organização Mundial de Saúde (OMS, 1999), cuja definição leva em consideração a percepção que um indivíduo tem sobre a sua posição na vida, dentro do contexto dos sistemas de cultura e valores nos quais está inserido,

e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Esta concepção é reforçada por Inouye, *et al.* (2018).

O Estatuto do Idoso (Lei n.º 10741, de 1 de outubro de 2003) também abrange importantes indicadores sociais na avaliação da qualidade de vida dos idosos, como: educação, saúde, lazer e cidadania. A segurança pessoal é outro indicador que recebe destaque no Estatuto do Idoso em seu quarto artigo. Por fim, os artigos 8º e 9º indicam a obrigação do Estado em adotar políticas sociais e públicas na garantia do envelhecimento saudável e digno.

O constructo de qualidade de vida coletiva (QVC) refere-se à percepção dos indicadores econômicos, socioambientais, estruturais e políticos dos países e localidades (Forattini, 1991; França, 2008). Apesar de o termo qualidade de vida coletiva ter sido utilizado pioneiramente por França (2008), também Forattini (1991) englobou a percepção da qualidade de vida aplicada na população urbana quando investigou os indicadores de qualidade de vida na cidade de São Paulo - cuidados na área da saúde, transporte, segurança, cultura, educação, serviços básicos de água, esgoto e iluminação, bem como o apoio social e lazer.

Revisões de literatura sobre o tema da qualidade de vida coletiva (Almeida, Macedo, Diamantino & Pedroso, 2015; Andrade, & Martins, 2016) apontaram diversas publicações, tanto para aposentados quanto para idosos, embora sejam raros os estudos realizados sobre a qualidade coletiva no Brasil e no exterior. Entre eles, merece destaque a avaliação da qualidade de vida coletiva com 517 executivos do Brasil e da Nova Zelândia (França, 2008), na qual foi construída a Perceptions of Country's Quality of Life, PCQL, ou Escala de Qualidade de Vida Coletiva Percebida.

Quando construída e testada em 2001, a PCQL - foi composta por 18 itens, avaliados em uma escala Likert, variando de 1 = excelente a 5 = ruim. A escala foi considerada unidimensional e apresentou diferenças significativas entre as nacionalidades ($p < 0,001$), sendo que os neozelandeses avaliaram os itens, em geral, como exercendo uma influência positiva na qualidade de suas vidas ($M = 2,71$, $DP = 0,47$), enquanto os brasileiros, de forma geral, avaliaram os itens como exercendo influência negativa ($M = 3,48$, $DP = 0,58$).

No Brasil, a distribuição de renda, educação, saúde, desemprego e violência urbana foram os itens percebidos como mais negativos. Quanto aos positivos, destacou-se o apoio familiar, serviços culturais e lazer e a qualidade do ambiente.

A Escala de Qualidade de Vida Coletiva (PCQL) adaptada, então denominada EQVCP, engloba alguns indicadores mencionados no Estatuto do Idoso sendo, o instrumento relevante para avaliar a qualidade de vida coletiva tanto de idosos, quanto de pré-aposentados e aposentados. Justifica-se, assim, a necessidade de aprofundamento deste constructo, por meio de validação da EQVCP com uma outra amostra nacional.

O objetivo deste estudo foi rever a Escala de Qualidade de Vida coletiva, EQVCP (França, 2008), identificando evidências iniciais de validade de estrutura interna. Foram efetuadas ainda correlações com variáveis externas, e aferido o índice de consistência interna desses instrumentos, numa amostra específica de aposentados, que migraram para a Região dos Lagos, RJ, em busca de melhor qualidade de vida.

Método

Participantes

O número de participantes foi calculado com base nos critérios estatísticos propostos por Hair, *et al.* (2009), que consideram necessário o mínimo de cinco sujeitos por item do instrumento, para que sejam realizados testes estatísticos com confiabilidade. As coletas foram realizadas em três municípios da Região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro: Araruama, Cabo Frio e Iguaba, que apresentaram elevado crescimento populacional de pessoas com 65 anos ou mais em 2015 e 2016.

A amostra foi composta por 284 aposentados residentes em Araruama, Cabo Frio e Iguaba, que foram convidados e aceitaram participar desta pesquisa. Dentre eles, pouco mais da metade era do sexo feminino (51,4%) A idade variou de 60 a 89 anos ($M = 68,53$; $DP = 5,37$). Com relação à escolaridade, verificou-se que 42,6% possuíam ensino médio completo. Quanto ao estado civil, a maior parte é casada ou mantém uma relação estável (57,7%). Havia um número considerável de viúvos, correspondendo a 24,3%; os demais se declaram solteiros (5,3%) ou divorciados (12,7%).

A renda familiar apresentou uma variação considerável de R\$ 880,00 (que corresponde ao salário-mínimo da época) a R\$ 12.300,00 ($M = 4005,00$; $DP = 2195,38$), ou seja, cerca de 14 salários mínimos.

A maior parte da amostra (64,1%) mora com o cônjuge ou namorado, e declararam não ter nenhum dependente financeiro, além do cônjuge; e 31,7% afirmaram ter apenas mais um dependente financeiro (filhos). Em relação ao sustento, 29,2% declararam viver com recursos da aposentadoria e trabalho integral e/ou temporário; 27,8% declararam viver apenas com os recursos da aposentadoria; 19%, com a aposentadoria e recursos de aluguel; 13%, com aposentadoria e auxílio dos filhos e outros parentes; 10,9%, com a aposentadoria e pensão. A maioria (51,4%) declarou não ter plano de saúde; 56,3% não possui nenhuma doença crônica (Tabela 1).

Tabela 1

Dados Descritivos da Amostra

		Média (DP)	Frequência
Idade		68,53 (5,37)	
Renda		R\$4.005,00 (2.195,38)	
Sexo	Feminino		51,4
	Masculino		48,6
Escolaridade	Ensino Fundamental		30,6
	Ensino Médio		42,6
	Ensino Superior		23,9
	Pós-Graduação		2,8
Estado Civil	Solteiro		5,3
	Casado/união estável		57,7
	Divorciado		12,7
Se tem filhos	Viúvo		24,3
	Sim		93,3
Com quem mora	Não		6,7
	Sozinho		16,9
	Cônjuge/namorado		64,1
	Filhos		10,9
Tipo de imóvel	Parentes		8,1
	Próprio		90,8
	Alugado		8,1
	Emprestado		1,1

N = 284 aposentados com idades variando entre 60 a 89 anos. Os dados desta pesquisa foram coletados em 2017

Instrumentos

Foi utilizado um questionário, contendo uma seção com questões sociodemográficas, para caracterização da amostra. Uma outra seção deste questionário abordou a qualidade de vida – *Perception of Country's Quality of Life [PCQL]*, ou EQVCP, construída por França (2008), composta originalmente por 18 indicadores, em que cada um é avaliado, numa escala tipo Likert, variando de 1 (ruim) a 5 (excelente), cuja consistência interna na primeira testagem de França (2008) foi de 0,90 (N = 507). Vale assinalar que os itens desse instrumento foram avaliados por uma escala tipo Likert de 1 = excelente a 5 = ruim; e foram invertidos de ruim (1) para excelente (5), por sugestão da autora (2008), de forma a ficar mais fácil de interpretá-los.

Com o intuito de avaliar, de modo mais abrangente, a qualidade de vida, foi sugerida a inserção de mais quatro indicadores à escala original (Santos, 2017): “corrupção”, “serviços culturais e lazer”, “apoio e ou proximidade dos vizinhos e/ou parentes” e a “proximidade de comércio”, “serviços diversos”, “abastecimento de água e energia”. Assim, a escala adaptada total a ser testada apresentou 22 itens.

Para complementar a análise, o questionário contou ainda com a adição de duas questões abertas, com o objetivo de avaliar o indicador de maior influência positiva, e aquele que teria a maior influência negativa na percepção dos participantes. Essas duas questões abertas foram: “Entre os indicadores de Qualidade de Vida, qual deles você avalia mais positivamente?”; “Entre os indicadores de Qualidade de Vida, qual deles você avalia mais negativamente?”

Na avaliação da correlação da escala com variáveis externas, utilizou-se a Escala de Bem-estar Psicológico (BEP), desenvolvida por Ryff e Essex (1992), para avaliar o bem-estar (possibilidade de desenvolver aptidões e capacidades intrínsecas e peculiares a cada individualidade; Ryff, 1989). A BEP foi adaptada e validada para o português por Machado, Bandeira e Pawlowski (2013) e esta versão reduzida apresentou 36 itens subdivididos em seis dimensões. Tais dimensões avaliam as relações positivas com os outros; autonomia; domínio sobre o ambiente; crescimento pessoal; propósito na vida e autoaceitação. Cada item deve ser respondido em uma escala do tipo Likert de seis pontos, que variam de 1 (discordo totalmente) a 6 (concordo totalmente). As medidas dos indicadores apresentaram consistência interna, no estudo original, variando de 0,77 a 0,89, garantindo, assim, sua adequação como variáveis de critério na análise.

Esta escala apresenta, também, um estudo aplicando-a ao contexto dos idosos (Martins, 2015) apresentando alfa de uma dimensão geral igual a 0,87. Neste estudo, a consistência interna variou de 0,58 a 0,79.

Com o objetivo de avaliar o julgamento das pessoas sobre a satisfação com suas vidas, utilizou-se a Escala de Satisfação com a Vida (ESV) elaborada por Diener et al. (1985), adaptada por Gouveia, Barbosa, Andrade e Carneiro (2005). A versão original era composta por cinco itens, variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). O estudo de Gouveia et al. com médicos indicou que a escala de satisfação com a vida possuía uma estrutura unifatorial que explicou aproximadamente 70% da variância total e apresentou consistência interna média de 0,89. No presente estudo a consistência interna foi de 0,88.

Procedimento de Coleta de dados

O estudo foi aprovado sob o número CAAE 62324116.0.0000.5289. Antes da aplicação, os participantes foram comunicados sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo todas as informações necessárias sobre o procedimento realizado e garantindo o sigilo das informações, bem como seu anonimato. Os dados desta pesquisa foram coletados em 2017.

Como estratégia para a realização da coleta de dados foram visitadas as associações de aposentados nos municípios da Região dos Lagos, estado do Rio de Janeiro, bem como os programas municipais voltados para a terceira idade. Nessas visitas, foi solicitada a participação voluntária dos presentes para a aplicação dos questionários. A coleta utilizou lápis e papel e os participantes preencheram o questionário de pesquisa, de forma coletiva (pequenos grupos) na Associação dos Aposentados e nos Programas desenvolvidos pelas prefeituras com os idosos.

Procedimentos de análise de dados

As análises foram realizadas no *software* SPSS, versão 18. A primeira etapa foi composta pela análise descritiva, com o objetivo de caracterizar a amostra. Em seguida, foram realizadas análises fatoriais exploratórias da escala de Qualidade de Vida Coletiva (PAF - *Principal Axis Factoring*), com rotação *direct oblimin*, e testes de validade e fidedignidade, sendo verificada sua estrutura interna e validade, sendo adotados para extração dos fatores Eigenvalues acima de 1, e análise do *screepplot* (Dancey, & Reidy, 2019).

O uso da análise fatorial exploratória, neste estudo, justifica-se pelo fato de que, na adaptação da Escala de Qualidade de Vida Coletiva Percebida, foram propostos uma avaliação e o refinamento do instrumento, possibilitando uma melhor definição dos fatores. De acordo com Brown (2006), o pesquisador pode usar tal análise estatística quando quer confirmar ou refutar a estrutura fatorial de um instrumento, como foi o caso do presente estudo.

A consistência interna do instrumento utilizado na pesquisa foi analisada por meio do coeficiente Alfa de Cronbach, que avalia o grau em que os itens de uma matriz de dados estão correlacionados entre si (Taber, 2018). De acordo com o autor, $\alpha > 0,90$ = excelente; $\alpha > 0,80$ = bom; $\alpha > 0,70$ = aceitável; $\alpha > 0,60$ = questionável; $\alpha < 0,50$ = inaceitável.

Após a realização das análises fatoriais exploratórias, foi verificada a correlação da escala com variáveis externas: satisfação com a vida, bem como, com as variáveis sociodemográficas, tais como: escolaridade e estado civil. A relação da escala com outras variáveis foi investigada por meio de correlações (r de Pearson) entre os escores do instrumento e os escores globais das medidas a ele relacionadas. Na avaliação da magnitude dessas correlações foram adotados os critérios estabelecidos por Miles e Shevlin (2001), que classificam as correlações em baixas (0,10 a 0,29), moderadas (0,30 a 0,49) e altas (acima de 0,50).

Resultados

Após a descrição dos dados sociodemográficos no item participantes (Tabela 1) no método, foi efetuada uma análise descritiva dos indicadores da Escala de Qualidade de Vida Coletiva (Tabela 2). Essa tabela contém a priorização dos participantes em função dos indicadores que exerciam a influência mais positiva e a mais negativa em sua qualidade de vida. Daqueles que exerciam uma influência mais positiva destacaram-se: Segurança Pessoal (47,9%) seguida pela Qualidade do Ambiente (26,4%). Dentre os indicadores que apresentaram a influência mais negativa, destaca-se a corrupção (80,6%). Em menor percentual está a Situação Política (13,4%).

Tabela 2.

Análise descritiva dos indicadores de Qualidade de Vida Coletiva

	Influência Positiva	Influência Negativa
1. Clima	1,4	-
2. Serviços Telefônicos	-	-
3. Expectativa de vida	8,8	-
4. Qualidade do ambiente	26,4	-
5. Televisão e rádio	-	-
6. Saneamento básico	-	1,1
7. Densidade populacional	-	-
8. Taxa de natalidade	-	-
9. Situação econômica	-	-
10. Situação política	-	13,4
11. Situação de saúde	0,4	1,1
12. Sistema de educação	0,4	-
13. Transporte público	0,7	1,4
14. Nível de emprego	0,4	1,7
15. Segurança pessoal	47,9	0,4
16. Burocracia	-	-
17. Trânsito	0,7	-
18. Distribuição de renda	-	0,7
19. Corrupção	-	80,6
20. Serviços culturais e lazer	2,5	-
21. Apoio e/ou proximidade dos vizinhos ou familiares	10,2	-
22. Proximidade dos serviços oferecidos pela cidade	0,4	0,7

Nota: Valores em percentual. O item que apresentou a influência mais positiva para os aposentados foi a segurança pessoal. O item que apresentou a influência mais negativa foi a corrupção. Os dados desta pesquisa foram coletados em 2017.

O resultado da análise fatorial exploratória da EQVCP, indicou $KMO = 0,75$ e o Teste de Esfericidade de Bartlett = 2313,35, $p < 0,001$, comprovando a viabilidade de se realizar uma análise fatorial dos dados. O *screeplot* utilizou a norma de corte em *eigenvalues* maior que 1 e indicou a possibilidade de três a seis fatores. Os itens explicam 61,93% do construto em questão e o Alfa de Cronbach foi igual a 0,79. As cargas fatoriais variaram de 0,33 a 0,90 (Tabela 3) e as comunalidades variaram de 0,14 a 0,71.

Tabela 3.

Análise Fatorial dos Componentes Principais da EQVCP

Itens	Fator I	Fator II	Fator III	Fator IV	Fator V	Fator VI
12	0,81	0,29	0,17	0,05	-0,13	-0,13
13	0,81	0,33	-0,02	-0,04	-0,04	-0,02
11	0,78	0,3	0,08	0,09	-0,27	-0,04
20	0,74	0,17	0,1	-0,14	0,19	0,06
17	0,65	0	-0,32	-0,05	0,33	0,16
5	0,59	-0,12	-0,21	-0,13	0,44	-0,12
10	0,44	0,29	-0,18	-0,12	0,14	0,4
4	0,28	0,52	-0,24	-0,01	0,31	-0,2
18	0,27	0,65	0,06	0,1	0,14	0,01
3	0,22	0,76	0	0,11	0,04	0,02
19	0,12	0,75	0,18	-0,07	0	0,12
16	0,05	0,29	0,69	-0,13	0,08	0,03
14	0,24	0,05	0,66	0,18	-0,07	0,09
15	-0,2	0,01	0,65	-0,05	-0,18	-0,04
2	-0,06	-0,33	0,60	0,25	0,19	-0,06
7	-0,04	-0,01	-0,02	0,90	0,05	0,1
8	0,09	0,02	0,05	0,88	-0,06	0,13
9	-0,01	0	0,25	0,41	0,4	0,2
21	-0,01	0,17	-0,06	0,1	0,72	0,03
6	0,07	0,28	0,35	0,36	0,38	-0,08
22	0,01	0,08	-0,03	0,03	0,08	0,81
1	0,21	0,22	-0,32	0,03	0,31	-0,48

Nota: Análise Fatorial dos Componentes Principais com saturação mínima aceitável de $\pm 0,30$

Além disso, foi solicitada a extração para seis, cinco, quatro e três dimensões conforme indicado no *screeplot* e, para uma dimensão, de acordo com o estudo original (França, 2008), considerando a rotação *Direct Oblimin*. A extração de seis fatores revelou que os itens 22 e 18 apresentaram comunalidades abaixo de 0,30 e dimensões com apenas dois itens.

No teste de cinco fatores, houve o agrupamento para o fator 1 em 12 itens (1, 2, 3, 4, 5, 11, 12, 13, 15, 17, 20 e 21), enquanto o fator 2 apresentou 6 itens (6, 7, 8, 9, 10 e 14), e o fator 3 indicou apenas três itens (16, 18 e 19). Além disso, os itens 1, 2, 3, 7, 8, 14 e 19 apresentaram *cross loading*, ou seja, carregaram em mais de um fator. A variância explicada para este agrupamento foi de 45,35%.

Com relação ao teste com quatro fatores, os resultados apresentaram, para o fator 1, o agrupamento de 12 itens (1, 2, 3, 4, 5, 11, 12, 13, 15, 17, 20 e 21); para o fator 2 indicou 7 itens (6, 7, 8, 9, 10, 14 e 19); e o fator 3 apresentou apenas 2 itens (16 e 18). Neste teste, o *cross loading* foi reduzido para 6 itens (2, 3, 8, 14, 16 e 19). A variância explicada para os quatro fatores foi de 41,50%. Por fim, para o teste de três fatores, os resultados obtidos demonstraram que o fator 1 possuía 12 fatores (1, 2, 3, 4, 5, 11, 12, 13, 15, 17, 20 e 21), enquanto o fator 2 indicou 7 itens (6, 7, 8, 9, 10, 14 e 19); e o fator 3 foi composto por 3 itens (16, 18 e 19). Foi verificado, também, o *cross loading*, que se manifestou em cinco itens (7, 8, 14, 16 e 19). Cabe ressaltar que o item 22 não carregou em nenhum dos fatores dos testes em questão. A variância explicada na divisão da escala em três fatores foi de 36,90%.

A redução da escala pelos fatores acima descritos apresentou baixa variância explicada, e necessitaria de uma grande exclusão de itens, o que prejudicaria a elaboração teórica da escala. Portanto, o melhor resultado foi obtido pela análise de dois fatores, com a exclusão dos itens 22, 18, 1, pelo fato de apresentarem baixas comunalidades (0,11; 0,16; 0,20, respectivamente); baixas correlações com os demais itens; e cargas fatoriais abaixo de 0,30.

Portanto, a divisão da escala em dois fatores ou dimensões foi a melhor opção, sendo composta por 19 itens, sendo uma dimensão denominada de Desenvolvimento Humano e Social, DHS, e a outra dimensão denominada Desenvolvimento Político-Econômico, DPE. Conforme apontado na Tabela 4, o Desenvolvimento Humano e Social (DHS) agrupou os seguintes itens: 2, 3, 4, 5, 11, 12, 13, 15, 17, 20 e 21; e obteve cargas fatoriais entre 0,45 a 0,84. Já o Desenvolvimento Político-Econômico, agrupou os itens: 6, 7, 8, 9, 10, 14, 16 e 19, com cargas variando entre 0,37 a 0,54. Os itens juntos explicaram 41,50% da variância; e a consistência interna foi de 0,79 para ambas as dimensões.

Na análise de correlação com variáveis externas (Tabela 4), verificou-se que a dimensão geral de qualidade vida apresentou correlações positivas, significativas e fracas com as dimensões da escala de bem-estar psicológico, exceto com a dimensão domínio sobre o ambiente (DAS). Não foram identificadas correlações significativas com a satisfação com a vida, tampouco com as variáveis sociodemográficas escolaridade e estado civil.

Tabela 4.

Análise Fatorial dos Componentes Principais da EQVCP – Extração de dois fatores – 19 itens

Indicadores EQVCP	Média (DP)	Desenvolvimento Humano e Social	Desenvolvimento Político-Econômico
13. Transporte Público	3,30 (0,95)	0,835	-,064
12. Sistema de Educação	2,60 (0,74)	0,781	,121
11. Situação de Saúde	2,49 (0,78)	0,739	,074
20. Serviços culturais e lazer	3,62 (0,75)	0,700	-,050
17. Trânsito	3,61 (0,69)	0,556	-,291
3. Expectativa de Vida	3,70 (0,59)	0,546	,198
5. Televisão e Rádio	3,06 (0,73)	0,545	,222
21. Apoio e proximidade/ou dos vizinhos ou familiares	3,81 (0,52)	0,507	-,152
4. Qualidade do Ambiente	3,85 (0,46)	0,499	-,050
2. Serviços Telefônicos	3,04 (0,72)	0,456	,210
15. Segurança Pessoal	3,54 (0,76)	0,448	-,255
6. Saneamento Básico	2,19 (0,60)	,224	0,492
16. Burocracia	2,06 (0,60)	,178	0,402
14. Nível de Emprego	2,01 (0,57)	,167	0,492
9. Situação Econômica	2,21 (0,60)	,031	0,376
8. Taxa de Natalidade	2,52 (0,57)	-,064	0,475
7. Densidade Populacional	2,53 (0,60)	-,077	0,538
19. Corrupção	1,15 (0,52)	-,182	0,373
10. Situação Política	1,32 (0,58)	-,206	0,452

Nota: Os itens da EQVCP variavam de 1 = ruim a 5 = excelente; ou seja, quanto maior fosse o score, melhor avaliado era o indicador. O item melhor avaliado foi a qualidade do ambiente e o pior foi a corrupção. Os dados desta pesquisa foram coletados em 2017.

A dimensão desenvolvimento humano e social (DHS) apresentou correlações positivas, significativas de fracas a moderadas com as seis dimensões de bem-estar. Por outro lado, não foi identificado relacionamento significativo da DHS com a escala de satisfação com a vida e com escolaridade e estado civil. Por fim, a dimensão desenvolvimento político e econômico (DPE) apresentou correlações negativas, significativas e fracas com as seis dimensões do bem-estar. Com relação a DHS e DPE e a satisfação com a vida e as variáveis de escolaridade e de estado civil não foram observadas correlações significativas.

Tabela 5.

Correlações entre as variáveis do estudo

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1. Desenvolvimento Humano e Social – DHS	0,86	0,02	0,89***	0,37***	0,39***	0,19**	0,31***	0,28**	0,25**	0,07	0,05	0,01
2. Desenvolvimento Político-Econômico – DPE		0,68	0,46***	-0,15**	-0,22**	-0,20**	-0,17**	-0,16**	-0,16**	0,05	-0,02	0,04
3. EQVCP TOTAL			0,79	0,23**	0,23**	0,07	0,18**	0,15**	0,12*	0,08	0,05	0,03
4. BEP_RPO				0,73	0,52***	0,50***	0,53***	0,65***	0,65***	0,38***	0,19**	-0,21**
5. BEP_AUTO					0,56	0,51***	0,49***	0,47***	0,54***	0,28**	0,08	-0,01
6. BEP_DSA						0,79	0,42***	0,67***	0,63***	0,52***	0,26**	-0,25**
7. BEP_CP							0,73	0,67***	0,62***	0,33***	0,20**	-0,16**
8. BEP_PV								0,78	0,74***	0,50***	0,34***	-0,33***
9. BEP_AA									0,73	0,50***	0,18**	-0,23**
10. Satisfação com a Vida - ESV										0,88	0,18**	-0,12*
11. Escolaridade											-	-0,29**
12. Estado Civil												-

Nota: Na diagonal encontram-se os resultados da consistência interna para cada uma das variáveis utilizadas na pesquisa; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; EQVCP = Escala de Qualidade de Vida Coletiva Percebida; BEP = Escala de Bem-Estar Psicológico; RPO = Relação Positiva com os Outros; AUTO= Autonomia; DAS= Domínio sobre o Ambiente; CP= Crescimento Pessoal; PV= Propósito de Vida; AA= Autoaceitação

Discussão

O objetivo deste estudo foi reunir evidências iniciais de validade da Escala de Qualidade de Vida Coletiva Percebida (QVCP), com aposentados brasileiros que migraram para a Região dos Lagos no Rio de Janeiro, cuja mudança do estilo de vida foi o principal motivo para essa migração. Os resultados indicaram que a segurança pessoal foi um dos indicadores que contribuíram positivamente para a qualidade de vida coletiva, corroborando o estudo de França (2008), que afirmou que as cidades brasileiras apresentam índices elevados de insegurança, gerada pela violência urbana e a precariedade dos serviços de segurança pública oferecidos à população. Desse modo, melhores programas de segurança nessas cidades teriam favorecido a melhor percepção da qualidade de vida coletiva.

A qualidade do ambiente também foi considerada um indicador positivo para a qualidade de vida coletiva para a amostra deste estudo. Bobek (2020) afirma que a qualidade do ambiente, o clima agradável ou a ‘atmosfera social’ percebidos promovem maiores índices de qualidade de vida, mesmo para não aposentados.

Um indicador com altos índices na percepção negativa foi o da corrupção, seguido em menor nível pela situação política. Tal resultado pode ser explicado devido ao momento histórico-político no país em 2017 – ano da coleta de dados, vivenciado especialmente pelos frequentes escândalos de corrupção ocorridos no Estado do Rio de Janeiro, conforme apontado por Pimentel (2014). Esta avaliação retrata as dificuldades enfrentadas pelos aposentados naquela época que, em consequência da corrupção e situação política, vivenciaram uma forte crise econômica do Estado que, por sua vez, provocou diversos atrasos em seus proventos. Seria importante acompanhar se a avaliação destes indicadores se manterá nos diferentes coortes históricos e respectivos cenários políticos dessas localidades.

A análise fatorial exploratória indicou inicialmente a extração de até seis fatores. Os testes subsequentes demonstraram que a melhor estrutura foi para dois fatores com 19 itens, que representam os indicadores de qualidade de vida coletiva, conforme apontado por França (2008). A exclusão de alguns itens foi necessária, tendo em vista as baixas comunalidades, que representam a proporção da variância dos itens explicada pelos componentes extraídos (Field, 2005; Hair, *et al.*, 2009). A baixa comunalidade é um indício de que os itens não estavam linearmente correlacionados e, por isso, optou-se pela sua não inserção na escala final. Com relação às cargas fatoriais, estas são consideradas significativas em análises exploratórias, quando excedem o valor absoluto 0,30 e sendo sugerida a sua exclusão, caso não tenha uma carga fatorial substancialmente alta em nenhum dos fatores (Laros, 2012).

Apesar de a escala não apresentar a estrutura original do estudo de França (2008), que se apresentou como unidimensional quando aplicada originalmente com executivos principais brasileiros e neozelandeses, esta foi a primeira análise fatorial exploratória da EQVCP que observou a qualidade de vida coletiva com aposentados que tinham migrado para cidades litorâneas do Rio de Janeiro, em função de mudança de estilo e qualidade de vida. Uma limitação deste estudo refere-se à amostra ter se restringido a apenas três municípios da região dos Lagos no Rio de Janeiro: Araruama, Iguaba e Cabo Frio. Outra limitação diz respeito às características dos participantes, visto que a maioria possuía uma boa situação financeira. Tal situação pode indicar um direcionamento para outras necessidades, tais como: lazer, serviços culturais e segurança.

Os resultados ora apresentados indicam evidências iniciais de validade e de consistência interna para a Escala de Qualidade de Vida Coletiva Percebida, EQVCP, com a inclusão dos itens: corrupção, serviços culturais e lazer, apoio e proximidade de vizinhos e ou parentes e proximidade de serviços. Esses itens foram inseridos por se considerar que fazem parte da realidade brasileira, e citados por Gomes, Moura e Silva (2013), dentro de uma lista de variáveis que favorecem a qualidade de vida.

Por fim, sugere-se a aplicação novamente da EQVCP aos mesmos aposentados, numa tentativa de avaliação longitudinal, no sentido de verificar se os indicadores pelos quais os motivaram a migrar continuaram com avaliação positiva ou se há necessidade de desenvolvimento de um grupo focal, para identificar o que mudou, e o porquê, com possibilidades de recomendação às prefeituras envolvidas.

Considerações Finais

Os resultados deste estudo contribuem para o aprimoramento da escala de Qualidade de Vida Coletiva Percebida, PCQL (França, 2008) no contexto brasileiro, pois fornecem a revisão dos itens e da estrutura, colaborando com evidências iniciais de estrutura interna e consistência interna do instrumento. Sugere-se, para estudos futuros, a realização de validade convergente e divergente do instrumento e a análise da estrutura interna em diferentes amostras, visto que este estudo se limitou à Região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro. Além disso, sugere-se a realização de análises fatoriais confirmatórias da estrutura interna da Escala de Qualidade de Vida Coletiva Percebida, EQVCP, com o objetivo de verificar a invariância deste modelo.

Vale ressaltar que o Estatuto do Idoso estabelece a obrigatoriedade do Estado de garantir ao idoso/aposentado políticas sociais públicas que possibilitem um envelhecimento saudável. Nesse sentido, este estudo apresentou importantes contribuições por ter avaliado indicadores da Região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro, relacionados às políticas públicas existentes para os idosos/aposentados, requerendo a sua implementação imediata pelo setor público com possível apoio do setor privado, como na criação de espaços culturais e de lazer, melhoria dos programas para acessibilidade, segurança, transporte, dentre outros.

Portanto, a EQVCP possibilita a mensuração de indicadores fundamentais para a promoção da qualidade de vida coletiva percebida pelos aposentados brasileiros.

Referências

Alves, F. E. (2011). Qualidade de vida: considerações sobre os indicadores e instrumentos de medida. *Revista brasileira de qualidade de vida*, (03), 16-23. Recuperado em 30 março, 2020, de: DOI: 10.3895/S2175-08582011000100002.

Alves, J. E. D. (2019). Envelhecimento populacional no Brasil e no mundo. *Revista Longeviver*, 03, 842-847. Recuperado em 30 março, 2020, de: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/787/842>.

Almeida, M. B. D., Macedo, N. D. R., Diamantino, R. M., & Pedroso, A. M. G. (2015). Qualidade de vida na terceira idade na pós-aposentadoria: uma revisão da literatura nacional nas duas últimas décadas. *Seminário Estudantil de Produção Acadêmica*, 14, 157-168. Recuperado em 30 março, 2020, de: <https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/3789>.

Amorim, S. M., & França, L. H. F. P. (2019). Satisfação na Aposentadoria: Uma revisão sistemática de literatura. *Temas em Psicologia*, 27(1), 155-172. Recuperado em 30 março, 2020, de: DOI: 10.9788/tp2019.1-12.

Andrade, A. I. N. P. A., & Martins, R. (2016). Funcionalidade familiar e qualidade de vida dos idosos. *Millenium-Journal of Education, Technologies and Health*, 40(16), 185-199. Recuperado em 30 março, 2020, de: DOI: <http://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8227>.

Bobek, A. (2020). Leaving for the money, staying for the 'quality of life'. Case study of young Polish migrants living in Dublin. *Geoforum*, 109, 24-34. Recuperado em 30 março, 2020, de: DOI: <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2019.12.006>.

Boehs, S. T. M., & Silva, N. (2017). Bem-estar, felicidade e satisfação de vida na aposentadoria: construindo reflexões. In: Boehs, S. T. M., & Silva, N. (Orgs.). *Psicologia Positiva nas Organizações e no Trabalho: Conceitos Fundamentais e Sentidos Aplicados* (pp. 157-172). São Paulo, SO: Vetor.

Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York, USA: The Guilford Press.

Dancey, C. P., & Reidy, J. (2019). *Estatística sem matemática para psicologia*. (7ª ed.). Porto Alegre, RS: Penso.

- Earl, J. K., Gerrans, P., & Halim, V. A. (2015). Active and adjusted: Investigating the contribution of leisure, health, and psychological factors to retirement adjustment. *Leisure Sciences*, 37, 354-372. Recuperado em 30 março, 2020, de: DOI: 10.1080/01490400.2015.1021881.
- Field, A. (2005). *Discovering Statistics Using SPSS*. Londres, England: Sage.
- Forattini, O. P. (1991). Qualidade de vida e meio urbano: a cidade de São Paulo, Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 25(2), 75-86. Recuperado em 30 março, 2020, de: https://www.academia.edu/26486244/Medindo_a_satisfa%C3%A7%C3%A3o_com_a_vida_dos_m%C3%A9dicos_no_Brasil. DOI: 10.1590/S0034-89101991000200001.
- França, L. H. (2008). *O desafio da aposentadoria: o exemplo dos executivos do Brasil e Nona Zelândia*, Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- França, L. H. F. P., Rosinha, A., Mafra, S., & Seidl, J. (2017). Aging in Brazil and Portugal and its impacts on the organizational context. In Neiva, Torres, C. V., & Mendonça, H. (Eds.). *Organizational Psychology and Evidence-Based Management: What the Sciences Says About Practice*. Cham, Swirzerland: Springer.
- Gouveia, V. V., Barbosa, G. A., Andrade, E. D. O., & Carneiro, M. B. (2005). Medindo a satisfação com a vida de médicos no Brasil. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 54(4), 298-305. Recuperado em 30 março, 2020, de: https://www.academia.edu/26486244/Medindo_a_satisfa%C3%A7%C3%A3o_com_a_vida_dos_m%C3%A9dicos_no_Brasil,
- Gomes, J. A., & Silva, A. P. M. (2013). Qualidade de Vida de Idosos : revisão integrativa da literatura científica. *Congresso Internacional do Desenvolvimento Humano*. Universidade Federal do Piauí, UFPI. Recuperado em 30 março, 2020, de: http://www.editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/Comunicacao_oral_idinscrito_1200_bdd8d408fc2677db3283ecc3616c247d.pdf.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre, RS: Bookman.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do Brasil, IBGE (2018). *Censo Demográfico 2018*. Publicado no Diário da União, n.º 167. (quarta-feira, 29 de agosto de 2018), p. 55.
- Inouye, K., Orlandi, F. S., Pavarini, S. C. L., & Pedrazzani, E. S. (2018). Efeito da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre a qualidade de vida do idoso. *Educação e Pesquisa*, 44, e142931. Recuperado em 30 março, 2020, de: DOI: 10.1590/s1678-4634201708142931.
- Kalache, A. (2019). Uma revolução da educação em resposta à revolução da longevidade. Rio de Janeiro, RJ: *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Estudos de população*, 22(4), e190213. Recuperado em 30 março, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/1981-22562019022.190213>.
- Laros, J. A. (2012). O uso da análise fatorial: algumas diretrizes para pesquisadores. Em L. Pasquali (Org.). *Análise fatorial para pesquisadores* (pp. 141-160). Brasília, DF: LabPAM Saber e Tecnologia.
- Machado, W. D. L., Bandeira, D. R., & Pawlowski, J. (2013). Validação da Psychological Well-being Scale em uma amostra de estudantes universitários. *Avaliação Psicológica*, 12(2), 263-272. Recuperado em 30 março, 2020, de: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?>
- Miles, J., & Shevlin, M. (2001). *Applying regression and correlation: A guide for students and researchers*. London, England: Sage Publications.

Pimentel, I. A. (2014). *A corrupção no Brasil e a atuação do Ministério Público*. Dissertação de mestrado. Recuperado em 30 março, 2020, de: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgdh/wp-content/uploads/2015/03/Dissertacao-ISABELLA-para-imprimir.pdf>.

Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of personality and social psychology*, 57(6), 1069-1081. Recuperado em 30 março, 2020, de: DOI:10.1037/0022-3514.57.6.1069.

Ryff, C. D., & Essex, M. J. (1992). The interpretation of life experience and well-being: The sample case of relocation. *Psychology and aging*, 7(4), 507. Recuperado em 30 março, 2020, de: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1466819>.

Santos, S. C. (2017). *Processos migratórios na aposentadoria: A busca pela satisfação com a vida*. Dissertação de mestrado. Recuperado em 30 março, 2020, de: <http://v3.universo.edu.br/mestrados/psicologia/>.

SEBRAE. (2015). *Painel regional: Norte Fluminense, RJ*. Rio de Janeiro, RJ: Observatório SEBRAE. Recuperado em 30 março, 2020, de: http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RJ/Anexos/Sebrae_INFREG_2014_Norte.pdf.

Taber, K. S. (2018). The Use of Cronbach's Alpha When Developing and Reporting Research Instruments in Science Education. *Research in Science Educational*, 48, 1273-1296. Recuperado em 30 março, 2020, de: <https://doi.org/10.1007/s11165-016-9602-2>.

Zanelli, J. C. (2015). Aposentadoria e pós-carreira. In: Bendassolli, P. F., & Borges-Andrade, J. E. (Orgs.). *Dicionário de Psicologia do Trabalho e das Organizações* (pp. 59-68). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Recebido em 16/10/2020

Aceito em 30/11/2020

Silvana Corrêa Santos - Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Salgado de Oliveira. Niterói, RJ. Professora da Faculdade Unilagos Araruama, RJ, Brasil.

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-5945-9743>

E-mail: silvantoscortea@gmail.com

Lucia Helena de F. P. França - Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP), Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói, RJ, Brasil. PhD The University of Auckland, NZ, Psychology Department.

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-0676-3757>

URL: <http://lattes.cnpq.br/5241064205933556>

<http://scholar.google.com.br/citations?user=oK-4zc0AAAAJ&hl=en>

<http://lattes.cnpq.br/5241064205933556>

https://www.researchgate.net/profile/Lucia_Franca3

<http://v3.universo.edu.br/mestrados/psicologia>

E-mail: lucia.franca@gmail.com

Michelle Morelo Pereira - Doutora em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ, Brasil. Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG, Divinópolis, MG.

URL: <http://orcid.org/0000-0003-2437-2071>

E-mail: mi_morelo@hotmail.com

* Agradecimentos ao CNPq - Bolsista de Produtividade em Pesquisa-2 (segundo autor); CAPES - Bolsa de Doutorado no país (terceiro autor).